

NOSSOS MESTRES

Desbravador do Brasil africano

Primeiro professor titular negro da Universidade de Brasília (UnB), Rafael Sanzio dedica a carreira aos estudos africanos e à cartografia étnica, que mapeia territórios tradicionais no país

» MARIANA NIEDERAUER

A realeza africana tem lugar no Brasil contemporâneo, e as décadas de luta dos movimentos sociais para alcançar essa visibilidade e começar a constituir políticas de reparação têm mostrado resultado. É isso o que comprova o trabalho de Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, 65 anos, geógrafo baiano que se tornou o primeiro professor titular negro da Universidade de Brasília (UnB), topo da carreira na instituição. A partir de gráficos e da pesquisa histórica, ele revela territorialidades do Brasil africano que ajudam a contar a história do país sob a ótica da identidade e do pertencimento.

Rafael nasceu no município de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo baiano, um dos cinco filhos de José Tibúrcio e Tieta. O pai, formado em Salvador, onde conheceu a mulher, foi o primeiro dentista da cidade do interior. Maria Clemência, José Ângelo, Rafael, Maria Luísa e José Filho são os cinco filhos do casal.

Tieta era professora de português e apaixonada por arte. Folheava à exaustão o livro *Os titãs da pintura*. O sonho era que o primeiro filho homem se chamasse Michelângelo, em homenagem ao célebre artista italiano, mas Tibúrcio a convenceu e ela concordou com uma adaptação. Um ano depois do nascimento de José Ângelo, era a hora de fazer a homenagem completa e batizar Rafael Sanzio, em referência a outro mestre da pintura e arquitetura renascentista italiano. “Só que sem o ‘ph’”, diverte-se Rafael.

Quando ele chegou aos 6 anos de idade, a mãe começou a levá-lo para conhecer um pouco da história da cidade onde moravam e do passado escravagista da região e do país. As visitas às fazendas coloniais do Recôncavo ainda são vivas na memória do professor. “Eu vi Casa-grande, eu vi Senzala, eu vi correntes. Estava lá, não tinha questionamento”, reforça. “Nosso cérebro é uma

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



“Hoje, sentamos em uma mesa de decisões e o Brasil africano tem um lugar”, afirma o professor

câmera fotográfica. Então, eu gravei. Meu link com essa matriz da geografia brasileira começa aí. Começa com Tieta me dizendo: ‘Olha, esse mundo existe’. Minha mãe me disse isso.”

O encontro com a metrópole, Salvador, também o ajudou a montar esse quebra-cabeças. Rafael tinha um problema de visão e precisava fazer viagens à capital de tempos em tempos para acompanhar o tratamento com especialistas. “Quando eu fui depois, adolescente, estudar lá, já conhecia Salvador, estava tranquilo”, recorda-se. “E aí eu vi o quê? Essa Salvador africana, essa Salvador da feira, do comércio, do serviço, da base. Eu vi a cidade como ela era: sem maquiagem.”

Pesquisa e memória

É em nome dessa memória e de outros princípios fundamentais que cultiva que ele trabalha desde a década de 1980 com estudos de

cartografia integrados ao movimento negro, como uma forma de deixar legado semelhante para os filhos, Izabella, Tarcila e Victor, e o neto, Qizai.

Rafael afirma que essa foi a matriz da geografia de sua história de vida e, conseqüentemente, da carreira que escolheu seguir, um percurso desenhado desde a infância e adolescência.

O desenho, inclusive, sempre foi uma paixão. À época, o ensino médio era integrado ao técnico e havia algumas trajetórias formativas disponíveis para escolha do estudante. Essa foi a que Rafael escolheu. Entre o desenho topográfico, o arquitetônico, o publicitário e outros mais, os dois primeiros o encantavam. No momento de optar pelo curso para o vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o coração ainda balançava como uma gangorra entre duas opções: a arquitetura e a geografia.

Um passeio pelo câmpus da

instituição com o tio Antônio, irmão de seu pai, contribuiu para definir o destino que começava, então, a tomar contornos mais definitivos. “Eu quero aprender a fazer mapas”, decidiu-se o jovem Rafael.

“O curso de geografia tinha qualidade, mas eu andava por Salvador, pelos vales, olhava para um lado e para o outro, de bicicleta ou andando, e eu via aquela cidade preta. Quem mora no morro? O morro tem uma matriz étnica dominante. Que geografia é essa? Quem estuda essa geografia? Onde essa geografia tem lugar na geografia oficial? Não tinha”, inquieta-se.

Daí nasce a semente do projeto Geoafro, hoje desenvolvido em parceria com o Instituto káwô, do qual é fundador. O objetivo é mostrar uma geografia real da urbanização brasileira, “que é a geografia da exclusão”, conforme destaca o professor. “E essa exclusão tem uma matriz étnica dominante. Geralmente ela

é negra. Isso está em qualquer lugar do Brasil.”

O projeto de conclusão de curso na UFBA traz esse olhar, mas não é ali ainda que Rafael vai seguir a carreira acadêmica. A vontade de desenhar mapas o levou a trabalhar na Coelba — empresa distribuidora de energia local — após a graduação, fazendo mapas termoeletrônicos da Bahia. “Ali eu vi a Bahia toda, como circula a energia. As pessoas gostavam do meu traço”, orgulha-se. Ao mesmo tempo, atuava na revisão do Plano Diretor do Polo Petroquímico de Camaçari, um dos polos industriais do Nordeste, e em seguida é convidado a trabalhar no Projeto das Cidades Médias do Brasil, quando participou de um análise topográfica para entender a dinâmica das enchentes do Rio São Francisco.

Energia professoral

A vivência em casa, de uma família de mulheres professoras, o ajudou a construir a vontade de lecionar. “Eu via essa energia professoral em casa. Quando minhas tias chegavam para visitar minha mãe, a casa virava delas”, relata. Mas foi anos mais tarde, em Petrolina, quando dava aulas à noite em um curso de universitário de formação de professores, que o caminho ficou mais evidente.

Diante de uma sala cheia de adultos, a maioria mais velhos do que ele, viu-se com um desafio: que ninguém caísse no sono. Decidiu, então, contar sobre o trabalho que desenvolvia durante o dia, de prevenção de enchentes. “A pesquisa tinha uma proposta de trazer soluções alternativas de esgoto, com coleta no final das casas, em umas caixinhas que passariam pelo fundo do quintal. Ou seja, todo mundo tinha que cuidar para a caixa não entupir. Eles adoraram e ninguém dormiu”, alegra-se.

“Então eu pedi as contas — foi o melhor salário que tive — e fui fazer o mestrado”, revela Rafael. Sob